

O confronto com o exercício da parentalidade e a (in)capacitação parental

Cristina Araújo Martins*

Introdução: O nascimento de um filho, apesar de, usualmente, ser um acontecimento gratificante na vida dos progenitores/família e ser experienciado de um modo previsível e desejado, aciona uma das transições desenvolvimentais mais dramáticas e intensas do ciclo de vida familiar (Ngai & Ngu, 2013). Reúne significados e valores que remetem à atribuição e apropriação de papéis e expectativas que recaem sobre os progenitores e desempenham importante impacto sobre a dinâmica de vida pessoal e familiar, suscetível de originar descompensação e vulnerabilidades.

Objetivos: Este estudo procurou compreender a experiência de transição para o exercício da parentalidade durante os primeiros 6 meses de vida da criança, com a finalidade de poder contribuir para a melhoria da qualidade dos cuidados de enfermagem prestados à família nesta transição.

Metodologia: Grounded Theory, com a participação de 5 pais e 5 mães (casais), com idades compreendidas entre 26 e 33 anos e com filho saudável, nascido de termo. Recolha de dados foi efetuada no domicílio dos participantes, nos primeiros dias do 1º, 4º e 6º mês de vida da criança, através de entrevistas semiestruturadas (total de 60 entrevistas). Foi obtido o consentimento informado, livre e esclarecido dos participantes e assegurada a confidencialidade dos dados e o anonimato. Recolha, codificação e análise dos dados foram realizadas de modo simultâneo e recursivo, num processo evolutivo constante.

Resultados: Explanam a descoberta do exercício da parentalidade pelos pais, ao serem confrontados com mudanças e perdas que transtornam a sua vida e os surpreendem. Descrevem a categoria constatando um mundo desconhecido e avassalador que retrata o início da trajetória do processo de tornar-se pai/mãe, entendido como aquele no qual ainda não se sente integrado e sobre o qual não consegue ter clareza de como o operacionalizar. Integram as subcategorias: confrontando-se com a prestação de cuidados, constatando o impacto do bebé na sua vida, constatando uma realidade tão ou mais exigente que a esperada, confrontando-se com o bebé para cuidar, sentindo dúvidas no exercício da parentalidade, sentindo dificuldades na prestação de cuidados e sentindo um acréscimo de dificuldades em conciliar todas as tarefas. Cuidar do filho exige-lhes grande disponibilidade de tempo e traz repercussões no seu bem-estar e qualidade de vida (Loutzenhiser, McAuslan, & Sharpe, 2015; Ngai, & Ngu, 2013), comprometendo a perceção de competência parental (Cooklin, Giallo, & Rose, 2012).

Conclusões: A parentalidade impõe ruturas, reestruturação e abdicação de rotinas diárias e de um relacionamento conjugal mais efetivo, ao dar lugar a uma interação triádica. Os pais nem sempre estão preparados para superar esta transição. Demonstram abalo na sua identidade e sentem muitas perdas antes dos benefícios se tornarem evidentes. Os enfermeiros, pela natureza dos cuidados que prestam, proximidade e competências na abordagem ao indivíduo/família, podem dar o contributo inestimável na promoção desta adaptação, o que implica centrar o foco da sua intervenção nas estratégias adaptativas parentais que podem ser adotadas para diminuir o impacto desta transição, numa perspetiva antecipatória.

Palavras-chave: responsabilidades parentais; adaptação; qualidade de vida

Referências bibliográficas: Cooklin, A. R., Giallo, R., & Rose, N. (2012). Parental fatigue and parenting practices during early childhood: An Australian community survey. *Child: Care, Health and Development*, 38(5), 654-664. doi:10.1111/j.1365-2214.2011.01333.x

Loutzenhiser, L., McAuslan P., & Sharpe, D. P. (2015). The trajectory of maternal and paternal fatigue and factors associated with fatigue across the transition to parenthood. *Clinical Psychologist*, 19(1), 15-27. doi:0.1111/cp.12048

Ngai, F-W., & Ngu, S-F. (2013). Quality of life during the transition to parenthood in Hong Kong: A longitudinal study. *Journal of Psychosomatic Obstetrics & Gynecology*, 34(4), 157-162. doi:10.3109/0167482X.2013.852534

* Universidade do Minho, Escola Superior de Enfermagem, Professor Adjunto [cmartins@ese.uminho.pt]